



QUALIDADE DE VIDA RELACIONADA À SAÚDE ORAL

Dâmilla Da Silva Nogueira¹, Fernanda Borguezan², Heloisa Pamela Vilela Silva³, João Victor Castro Ramos⁴, Keyta Vasconcelos dos Santos⁵, Lara Sales Machado⁶, Paula Fernanda da Silva⁷, Nasciane Corrêa Devotte⁸.

¹Centro Universitário do Vale do Araguaia (heloisapamela555@gmail.com), Barra do Garças, Mato Grosso; ² Centro Universitário do Vale do Araguaia, Barra do Garças, Mato Grosso; ³ Centro Universitário do Vale do Araguaia, Barra do Garças, Mato Grosso; ⁴ Centro Universitário do Vale do Araguaia, Barra do Garças, Mato Grosso; ⁵Centro Universitário do Vale do Araguaia, Barra do Garças, Mato Grosso; ⁶ Centro Universitário do Vale do Araguaia, Barra do Garças, Mato Grosso; ⁷Centro Universitário do Vale do Araguaia, Barra do Garças, Mato Grosso, (silva.pf@live.com); ⁸Centro Universitário do Vale do Araguaia, Barra do Garças, Mato Grosso, (nascianedevotte@gmail.com).

RESUMO

Este estudo descritivo foi realizado em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) no município de Barra do Garças, Mato Grosso, com o objetivo de avaliar a saúde bucal de adultos por meio de uma abordagem quantitativa. Foram incluídos no estudo homens e mulheres com 20 anos ou mais, que participaram voluntariamente e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para a coleta de dados, utilizou-se um formulário semiestruturado desenvolvido pela equipe de pesquisa, que contemplava questões sociodemográficas, como idade, gênero, estado civil e nível educacional dos participantes. Além disso, o questionário incluía perguntas sobre dificuldades de mastigação e estados de sensibilidade ou desconforto ao se alimentar. Os resultados revelaram que a dificuldade para mastigação foi mais prevalente entre os participantes mais jovens (21-40 anos) com nível educacional básico. Por outro lado, a sensibilidade dentária foi mais comum entre homens com idades entre 40 e 76 anos, independentemente do estado civil. Entre as mulheres, a sensibilidade dentária foi mais frequente na faixa etária de 40 a 76 anos e em indivíduos com nível educacional médio. Observou-se também que o nível educacional teve uma influência significativa nos resultados: aqueles com ensino básico, frequentemente associados a dificuldades econômicas, apresentaram maior número de enfermidades bucais. Os dados foram organizados em uma planilha e analisados por meio de percentuais para descrever os achados. O principal objetivo do estudo foi explorar a relação entre diferentes fatores sociodemográficos e a percepção da saúde bucal, visando identificar padrões que possam impactar a qualidade de vida. Os resultados obtidos têm o potencial de contribuir significativamente para a promoção da saúde bucal, fornecendo informações relevantes que podem ser utilizadas na formulação de políticas públicas e no desenvolvimento de estratégias de intervenção.



Palavras-chave: Qualidade, Sociodemográficos, Educação, Impacto.

Área Temática: Saúde bucal e Qualidade de vida.

ABSTRACT

This descriptive study was conducted at a Basic Health Unit (UBS) in the city of Barra do Garças, Mato Grosso, with the aim of evaluating the oral health of adults through a quantitative approach. Men and women aged 20 years or older who voluntarily participated and signed the Free and Informed Consent Form (FICF) were included in the study. For data collection, a semi-structured form developed by the research team was used, which included sociodemographic questions, such as age, gender, marital status and educational level of the participants. In addition, the questionnaire included questions about chewing difficulties and states of sensitivity or discomfort when eating. The results revealed that chewing difficulties were more prevalent among younger participants (21-40 years old) with a basic educational level. On the other hand, tooth sensitivity was more common among men aged between 40 and 76 years old, regardless of marital status. Among women, tooth sensitivity was more frequent in the age group of 40 to 76 years and in individuals with a secondary level of education. It was also observed that educational level had a significant influence on the results: those with basic education, often associated with economic difficulties, presented a higher number of oral diseases. The data were organized in a spreadsheet and analyzed using percentages to describe the findings. The main objective of the study was to explore the relationship between different sociodemographic factors and the perception of oral health, aiming to identify patterns that may impact quality of life. The results obtained have the potential to contribute significantly to the promotion of oral health, providing relevant information that can be used in the formulation of public policies and in the development of intervention strategies.

Keywords: Quality, Sociodemographics, Education, Impact.

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS), define saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença ou enfermidade. Nesse contexto, a saúde bucal é crucial para o bem-estar geral, pois integra a saúde total e afeta diretamente a qualidade de vida. A saúde bucal pode ser compreendida como uma condição em que a boca, as estruturas orofaciais e os dentes desempenham



eficazmente suas funções principais, como comer, respirar e falar. Além disso, inclui aspectos psicossociais, como o bem-estar, a autoconfiança, a socialização e a capacidade de realizar atividades profissionais sem dor, desconforto ou constrangimento (Santana et al., 2024).

Nesse sentido, as pessoas com condições bucais desfavoráveis tendem a ter uma situação socioeconômica mais baixa, menos escolaridade, condições clínicas inadequadas, usar próteses dentárias ineficazes e precisar de tratamentos odontológicos. Sendo assim, as doenças bucais podem afetar a rotina diária dos indivíduos, causando dor, sofrimento, e também gerando desconfortos psicológicos como alterações de humor e irritação, além de levar a privações sociais (Ferreira et al., 2020).

Portanto a qualidade de vida relacionada à saúde bucal impacta diretamente o bem-estar geral, influenciando funções básicas e a autoestima. Desse modo, compreender essa relação é essencial para direcionar intervenções clínicas eficazes. Diante disso, este artigo analisa como a saúde bucal reflete na qualidade de vida dos indivíduos.

METODOLOGIA

Este estudo é descritivo, exploratório e transversal, com abordagem quantitativa, realizado em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) no município de Barra do Garças - MT. Foram incluídas na pesquisa pessoas maiores de idade que aceitaram participar mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os critérios de exclusão incluíram menores de idade e aqueles que não concordaram em participar.

O instrumento de coleta de dados consistiu em um formulário semiestruturado, elaborado pelos autores, que incluía perguntas sociodemográficas e itens adaptados do questionário de Qualidade de Vida Relacionada à Saúde Oral (GOHAI). Os dados foram organizados em um banco de dados no Excel e analisados por meio de estatística descritiva, com base em dados absolutos e relativos (frequências e porcentagens).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados indicaram que, entre os homens, a dificuldade para morder ou mastigar certos alimentos foi mais prevalente nos participantes mais jovens (21-40 anos) e com nível



educacional básico. Já a sensibilidade nos dentes foi mais comum entre homens de meia-idade (40-76 anos), independentemente do estado civil. Além disso, a maioria dos homens casados, com nível educacional médio, relatou sentir desconforto ao se alimentar na presença de outras pessoas (Tabela 1).

Tabela 1 – Representação do perfil sociodemográfico masculino e qualidade de vida relacionada à saúde oral.

HOMENS						
IDADE		ESTADO CIVIL		NÍVEL EDUCACIONAL		
21-40	40-76	SOLTEIRO	CASADO	BÁSICO	MÉDIO	SUPERIOR
5	5	5	5	2	5	3
50,00%	50,00%	50,00%	50,00%	20,00%	50,00%	30,00%

Perguntas	Sempre	Às vezes	Nunca
1. Teve dificuldade para morder ou mastigar certos alimentos como carne ou maçãs?	1	0	9
	10,00%	0,00%	90,00%
2. Sentiu sensibilidade nos dentes ou gengivas com o contato de calor, frio ou doces?	2	2	6
	20,00%	20,00%	60,00%
3. Sentiu-se desconfortável ao alimentar-se em frente a outras pessoas por causa dos seus dentes, gengivas ou próteses?	0	3	7
	0,00%	30,00%	70,00%
4. Precisou de tomar medicamentos para aliviar a dor ou o desconforto relativo à sua boca?	1	4	5
	10,00%	40,00%	50,00%



5. Evitou o contato com outras pessoas por causa das condições dos seus dentes, gengivas ou próteses?	0	2	8
	0,00%	20,00%	80,00%

Já entre as mulheres, a sensibilidade nos dentes foi mais frequente naquelas de meia-idade (40-76 anos) e com nível educacional médio. Mulheres solteiras e com nível educacional básico apresentaram maior dificuldade para morder ou mastigar certos alimentos. Em relação ao desconforto ao se alimentar na presença de outras pessoas, a maioria das mulheres não relatou essa sensação, independentemente do estado civil ou nível educacional. Esses resultados ressaltam a importância de considerar as diferenças de gênero, idade, estado civil e nível educacional na promoção da saúde bucal e na qualidade de vida (Tabela 2).

Tabela 2 – Representação do perfil sociodemográfico feminino e qualidade de vida relacionada à saúde oral.

MULHERES						
IDADE		ESTADO CIVIL		NÍVEL EDUCACIONAL		
21-40	40-76	SOLTEIRA	CASADA	BÁSICO	MÉDIO	SUPERIOR
3	7	5	5	4	3	3
30,00%	70,00%	50,00%	50,00%	40,00%	30,00%	30,00%

	Sempre	Às vezes	Nunca
1. Teve dificuldade para morder ou mastigar certos alimentos como carne ou maçãs?	2	3	5
	20,00%	30,00%	50,00%
2. Sentiu sensibilidade nos dentes ou gengivas com o contato de calor, frio ou doces?	2	3	5
	20,00%	30,00%	50,00%
3. Sentiu-se desconfortável ao alimentar-se em frente a outras pessoas por causa dos seus dentes, gengivas ou próteses?	1	0	9
	10,00%	0,00%	90,00%



4. Precisou de tomar medicamentos para aliviar a dor ou o desconforto relativo à sua boca?	2	6	2
	20,00%	60,00%	20,00%
5. Evitou o contato com outras pessoas por causa das condições dos seus dentes, gengivas ou próteses?	0	1	9
	0,00%	10,00%	90,00%

Este estudo revelou que a frequência de problemas orais está associada tanto às condições clínicas quanto às características sociodemográficas dos indivíduos. A autoavaliação da saúde bucal emergiu como um fator crucial para a qualidade de vida na maioria dos artigos analisados, com uma percepção negativa geralmente relacionada a sintomas orais dolorosos ou limitantes, como desconforto com dentes e próteses, além de dificuldades na mastigação. Os resultados em relação à escolaridade foram variados. Enquanto alguns autores associaram um alto nível de instrução a uma autopercepção positiva da saúde bucal, Yen et al. identificaram que pessoas com mais anos de estudo apresentaram escores mais baixos no Geriatric Oral Health Assessment Index (GOHAI), indicando uma percepção mais acentuada de problemas dentários (Novais et al., 2022).

De forma complementar, pesquisas indicam que níveis mais baixos de apoio social estão associados a uma pior percepção do impacto das condições bucais na qualidade de vida. O apoio social envolve não apenas a estrutura das redes de relacionamento, mas também a qualidade dessas relações, incluindo a satisfação pessoal com o apoio recebido e as demonstrações de afeto. Isso, por sua vez, reflete em resultados positivos para a vida dos indivíduos (Ferreira et al., 2020).



Além disso, para compreender os efeitos dos problemas bucais no cotidiano das pessoas, foi desenvolvido o Oral Health Impact Profile (OHIP), uma das ferramentas mais sofisticadas e amplamente utilizadas para avaliar a saúde bucal e a qualidade de vida. Esta medida tem implicações importantes tanto para a prática clínica quanto para a pesquisa odontológica. O questionário validado foi aplicado em diversos campos da odontologia para analisar o impacto de diferentes tratamentos na qualidade de vida relacionada à saúde bucal dos pacientes, em estudos transversais e longitudinais (Queiroz et al., 2019).

O termo "qualidade de vida" é descrito como a inteligência que o indivíduo tem de si próprio e de sua posição na sociedade, considerando suas expectativas, padrões de beleza e preocupações. Quando esses critérios não são cumpridos, podem surgir transtornos como ansiedade, baixa autoestima, insegurança, intolerância social e depressão, resultando em impactos negativos na vida diária das pessoas (Xavier et al., 2019).

A ausência de dentes dificulta a mastigação de alimentos sólidos e está associada a uma qualidade de vida relacionada à saúde bucal insatisfatória, o que pode levar a alterações comportamentais, insatisfação com a aparência e dificuldades na aceitação social. Dessa forma, conclui-se que, além de impactar negativamente os hábitos alimentares, a perda da funcionalidade dental também prejudica a sociabilidade. No entanto, Sant et al. observaram um resultado diferente, onde, apesar de 38% dos participantes da amostra relatarem dificuldade para mastigar, isso não foi um fator determinante para evitar a interação social (Ramalho et al., 2022).

Ademais, fatores como baixa escolaridade, desvantagens socioeconômicas e características demográficas podem ter um impacto significativo na vida das pessoas, influenciando a progressão de doenças bucais e resultando na perda de dentes. Essa perda pode comprometer a qualidade de vida ao causar dificuldades na fala e na mastigação, além de diminuir a autoestima e favorecer a exclusão social. Embora as condições de saúde bucal da população brasileira tenham melhorado, o edentulismo ainda representa um desafio significativo para a saúde pública (Corassa et al., 2022).

As consequências do edentulismo incluem limitações funcionais, incapacidade física e comprometimento social e psicológico. Isso sugere que o impacto do edentulismo na saúde geral deve ser avaliado considerando dimensões como sintomas físicos, capacidade funcional, atividades sociais e percepção de bem-estar. Diante das diversas consequências negativas para a



saúde bucal e geral, é essencial que os profissionais de saúde bucal se dediquem a prevenir a perda dentária por meio da educação e promoção da saúde bucal, além de fornecer um atendimento odontológico adequado para assegurar uma dentição funcional e saudável (Izaque et al., 2021).

Nesse contexto, o sorriso ocupa uma posição de destaque, estando em uma área de grande visibilidade que atrai atenção para o terço inferior da face. Adultos com saúde bucal insatisfatória frequentemente se sentem fora dos padrões estéticos, o que pode levar à exclusão social (Salles; Silva, 2021).

Por outro lado, é importante destacar que o número de pessoas sem nenhum dente na boca tem crescido no Brasil, o que representa uma deficiência física capaz de levar a diversos problemas de saúde, como a reabsorção óssea maxilomandibular e deficiências nutricionais causadas pela dificuldade de mastigar alimentos sólidos. Além disso, essa condição pode gerar problemas psicológicos e afetar os relacionamentos interpessoais, resultando em um impacto negativo na qualidade de vida. Esses fatores reforçam a necessidade de políticas públicas voltadas para a promoção da saúde bucal e a inclusão social, visando melhorar a qualidade de vida da população afetada (Cardenas; Paraguassu, 2024)

Por fim, entender que a compreensão pelo qual os indivíduos têm de sua própria saúde, afeta a busca por serviços de saúde e a adoção de práticas de autocuidado. É fundamental compreender como os indicadores de posição socioeconômica influenciam nessa temática. Essa percepção pode ajudar a direcionar melhor as políticas públicas para os grupos sociais mais necessitados, contribuindo para a diminuição das desigualdades em saúde bucal que ainda existem no Brasil (Sousa et al., 2019)

CONCLUSÃO

Dessa maneira, com base nos resultados apresentados, conclui-se que, a saúde bucal está profundamente interligada a fatores sociodemográficos e comportamentais, influenciando diretamente a qualidade de vida das pessoas. O estudo evidenciou que problemas como sensibilidade dental, dificuldades de mastigação e desconforto ao se alimentar em público são prevalentes em diferentes grupos, variando conforme a idade, gênero, estado civil e nível educacional.



A autoavaliação da saúde bucal surgiu como um importante indicador da qualidade de vida, onde sintomas orais dolorosos ou limitantes estão frequentemente associados a uma percepção negativa. Desse modo, a presença de apoio social adequado demonstrou ser crucial para mitigar os impactos negativos das condições bucais, sublinhando a importância das redes de suporte nas esferas pessoais e sociais.

Portanto, ferramentas de avaliação como o Oral Health Impact Profile (OHIP) são essenciais para compreender o impacto das condições bucais na vida cotidiana, fornecendo uma percepção valiosa para a prática clínica e para a formulação de políticas públicas de saúde. A ausência de dentes, por exemplo, não apenas compromete a função mastigatória, mas também está associada a problemas de autoestima, satisfação com a aparência e aceitação social.

Por fim, torna-se evidente a necessidade de políticas públicas que promovam a saúde bucal, especialmente em populações vulneráveis, com foco na educação, prevenção e acesso ao tratamento odontológico. Sendo assim, a melhoria das condições de saúde bucal pode trazer benefícios significativos, não apenas para a saúde física, mas também para o bem-estar psicológico e social, contribuindo para uma melhor qualidade de vida e inclusão social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CELIS DE CARDENAS, A. M.; COELHO PARAGUASSU, E. Relação entre tempo de uso e qualidade de vida em usuários de prótese total no estado do Amapá. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, [S. l.], v. 1, n. 7, p. 169–191, 2019. DOI: 10.36557/2674-8169.2019v1n7p169-191. Disponível em: <https://bjih.s.emnuvens.com.br/bjihs/article/view/23>. Acesso em: 31 ago. 2024.

CORASSA, Rafael Bello et al. Condições de saúde bucal autorrelatadas entre adultos brasileiros: resultados das Pesquisas Nacionais de Saúde de 2013 e 2019. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 31, n. spe1, p. e2021383, 2022.

DA SILVA IZAQUE, Viviane et al. O impacto do edentulismo na qualidade de vida: autoestima e saúde geral do indivíduo. **Revista Pró-univerSUS**, v. 12, n. 2, p. 48-54, 2021.

DE CASTRO SALLES, Adriele; DA SILVA, Minária Rocha. Impacto das condições bucais na qualidade de vida do adulto: Uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 6, p. 28733-28746, 2021.

DE MELO XAVIER, Lucyana Braga et al. Análise psicossocial da influência do edentulismo na qualidade de vida: revisão de literatura. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 12, p.



33286-33299, 2019.

FERREIRA, Denise Carvalho et al. Aspectos psicossociais e percepção de impacto da saúde bucal na qualidade de vida em adultos do Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, p. e200049, 2020.

NOVAIS, Cicero Anderson Lourenço Moreira et al. Influência da autopercepção em saúde bucal na qualidade de vida dos idosos: revisão integrativa/Influence of self-perception on oral health on the quality of life of the elderly: integrative review. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 2, p. 9026-9050, 2022.

QUEIROZ, Mariane Flauzino et al. Dor, ansiedade e qualidade de vida relacionada à saúde bucal de pacientes atendidos no serviço de urgência odontológica. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 1277-1286, 2019.

SANTANA, Marcelo Peres et al. Impacto da saúde bucal na qualidade de vida de pacientes atendidos em um serviço de urgência odontológica de um centro universitário da região metropolitana de Goiânia. **Revista Científica da Escola Estadual de Saúde Pública de Goiás "Cândido Santiago"**, v. 10, p. 1-18, 2024.

SOUSA, Jailson Lopes de et al. Posição socioeconômica e autoavaliação da saúde bucal no Brasil: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, p. e00099518, 2019.